

Duterte Contra Deus

O Catolicismo chegou às Filipinas em 1520 com Fernão de Magãlhaes. Quase 500 anos depois, a Igreja que ajudou a derrubar Ferdinand Marcos enfrenta dois grandes desafios: como combater outro ditador e manter a glória do passado numa sociedade «mais evangelizada do que catequizada»?

Patricia Fox, superiora regional da congregação Irmãs de Nossa Senhora de Sião, dedicou vinte e sete dos seus 72 anos à defesa dos pobres e oprimidos nas Filipinas. Acusada de «envolvimento em actividades políticas ilegais», foi detida no dia 16 de Abril. A 3 de Novembro, foi expulsa do país, onde não mais poderá regressar como missionária. Ao chegar a Melbourne, depois de perder uma dura batalha judicial, a freira australiana denunciou o «reino de tirania» do presidente Rodrigo Duterte.

«Não têm o direito de me criticar», disse Duterte, que ordenou a deportação de Patricia Fox, indignado com a presença dela num protesto contra o assassinio de agricultores, mas sobretudo por ter participado numa missão de inquérito às execuções extrajudiciais por ele ordenadas quando era presidente da câmara de Davao, na ilha de Mindanau, no Sul.



A provação de Patricia Fox e a de outros membros da Igreja Católica (três sacerdotes foram mortos a tiro, em Abril e Junho deste ano, e em Dezembro de 2017) revelam bem os riscos que uma das mais influentes instituições filipinas enfrenta desde que Duterte conquistou a chefia do Estado nas eleições de Maio de 2016, mantendo uma popularidade de quase 80 % apesar dos seus milhares de mortos.

O presidente, que renegou o Catolicismo e se terá aproximado de uma seita local, Iglesia ni Cristo, orgulhase da sua linguagem obscena e ofensiva. «O vosso Deus não é o meu Deus, porque o vosso Deus é estúpido», proclamou.

Um vingança política?

Duterte justifica os ataques ao clero e à Igreja com abusos sexuais de que terá sido vítima por parte do padre americano Mark Falvey, quando frequentava o liceu Ateneo de Davao. Em 2007, a ordem dos Jesuítas, a que Falvey pertencia, pagou 16 milhões de dólares a nove pessoas, depois de provado que o reverendo as molestou quando eram crianças, na Califórnia, para onde foi transferido e morreu em 1975.

«Como advogado e procurador, Duterte poderia ter processado o abusador», diz-nos, por correio electrónico, o missionário comboniano filipino Edgardo Alfonso Vizcarra. «Não acredito que a animosidade em relato à Igreja se deva apenas a um ressentimento pessoal. É também uma questão política. Porque ele sabe que a Igreja Católica é a única instituição religiosa verdadeiramente crítica. Ele sabe que numerosos fiéis ouvirão a Igreja se esta vier a apelar a uma acção de massas contra o modo como Rodrigo Duterte governa.»

«Uma colaboração vigilante não é suficiente para responder às provocações e à arrogância» do presidente, afirma o padre filipino,

encorajando mais expressões de crítica. «Só orações não bastam. A Igreja deve fazer mais de modo a despertar os fiéis para o que se passa no país.»

É por a Igreja «criticar a estratégia da guerra às drogas» que Duterte a hostiliza, refere, por seu turno, o padre português Antonio Carlos Ferreira, director da revista comboniana *World Mission*, publicada em Manila. «Porque não uma guerra á corrupção e à pobreza? Porqué fazer da guerra às drogas urna matanza á margem da lei de pessoas a quem não foi dado o direito de se defender ou apresentar a sua versão dos factos?»

Sob a ditadura de Marcos, várias comunidades eclesíásticas foram atacadas por forças militares, os seus líderes religiosos encarcerados e até morios. Em 1986, a Igreja filipina, dirigida pelo carismático cardeal Jaime Sin (1928- -2005), foi uma peça-chave na revolução popular que acabou com vinte e um anos de um regime plutocrático e cruel. Três décadas depois, como é que a hierarquia e os fiéis católicos lidam com um autocrata cujas políticas são contrariás á doutrina cristã?

País secular e católico

Explicamos primeiro o Catolicismo filipino. Em 1520, ano serviço da coroa espanhola, o português Fernão de Magalhães convenceu o rei da ilha de Cebu, Rajá Humabon, e a sua mulher a converterem-se ao Cristianismo. O navegador que deu a volta ao mundo ofereceu-lhes urna imagem do Menino Jesus e desde 1565 que a mais antiga relíquia das Filipinas está em exposição permanente na Basílica Menor del Santo Niño de Cebú, uma devoção tão arraigada como a do Nazareno Negro ou a tradição da crucificação na Quaresma.

«Oitenta por cento dos Filipinos são católicos e não apenas graças aos esforços dos missionários espanhóis», que continuaram as suas expedições apesar de Magalhães ter sido morto por um chefe rebelde na ilha de Mactan em 1521, salienta, em entrevista á *Além-Mar*, Jayeel Comelio, sociólogo de religiões na Universidade Ateneo de Manila.

«O Catolicismo tomou-se urna religião tão local que as Filipinas têm sido caracterizadas como uma nação católica, mas o que distingue o Catolicismo filipino é mesmo a sua religiosidade», adianta o autor de *Being Catholic in the Contemporary Philippines*. «Esta é uma das sociedades mais religiosas do mundo. O Catolicismo tornou-se também o identificador da nação e, para isso, foi crucial o papel que desempenhou para a restaurado da democracia em 1986. A Igreja era a antítese do regime autoritário de Marcos.»



«De um ponto de vista institucional», analisa Jayeel Cornelio, «a Igreja é totalmente una, mas de uma perspectiva sociológica, é claramente diversa, a expressão da fé moldada por condições socioeconómicas, geográficas, culturais e políticas. Ao reconhecer o carácter secular do Estado, a Igreja, através do clero e dos leigos, entrou na esfera pública como defensora, por exemplo, dos mais pobres. Influenciadas pelo Concílio Vaticano II de 1961, freirás filipinas começaram a envolver-se em protestos dos marginalizados, incluindo mulheres trabalhadoras, apesar das proibições durante a lei marcial [imposta por Marcos de 1972 a 1981]. Noutros casos, a Igreja tem sido triunfalista, com uma voz privilegiada e maioritariamente masculina.»

A Igreja filipina, afirma o académico em Manila, «enfrenta um dilema democrático perene: vê-se a si própria com substancial influência sobre quem legisla e sobre quem vota, ainda que esta influência esteja a diminuir, como ficou demonstrado em 2012, na aprovação da Lei para a Saúde Reprodutiva. A forte oposição da Conferencia Episcopal [ao planeamento familiar e métodos contraceptivos] não teve eco entre a população.»



Apesar das «tensões, divisões e vulnerabilidades», os templos continuam a encher-se aos domingos porque, diz Cornelio, «é preciso distinguir entre a Igreja Católica, como instituição pública, e o Catolicismo, como religião.»

«A filiação católica», sublinha Cornelio, «permanece robusta [apesar de uma crise de vocações e de menos praticantes nas cidades, sobretudo entre os jovens, segundo o padre António Carlos]. A ascensão das mega-igrejas evangélicas e de outros grupos religiosos não parece afectar estatisticamente o número de católicos, mas a paisagem religiosa está a tornarse competitiva. O Catolicismo romano não avançará se apenas se concentrar no seu passado glorioso. Terá de estar mais próximo das comunidades.»

Devoção e consciência

A opinião do comboniano Edgardo Alfonso Vizcarra não difere muito da do compatriota Cornelio. Nas Filipinas, um dos dois únicos

países de maioria cristã na Ásia (o outro é Timor-Leste), «o Catolicismo é urna fé que evangelizou a maioria do povo, mas não o catequizou inteiramente para formar uma consciência católica plena», comenta. «Não há sequer o que possamos chamar de voz e mentalidade de voto católicos como um todo. Somos profundamente religiosos, mas só em termos de devoção e piedade.»

«Os católicos filipinos já não se limitam a sentar-se nos bancos da igreja aos domingos. A maioria procura mais. E uma maneira de procurar a renovação religiosa é ir ao encontro deles, criando um fórum onde pastores e fiéis se reúnam e debatam temas que interessem á juventude, à família, à sociedade. Temos de ouvir. A Igreja é acusada de, por vezes, não ouvir os seus fiéis.»

«A Igreja tem de desistir da tendência de “sacramentalizar” tudo», aconselha o padre Edgardo. «Coloca demasiada ênfase nos ritos e rituais. É preciso que a Igreja responda às necessidades dos pobres não apenas na sua pobreza material, mas dando-lhes poder de desenvolvimento. Finalmente, como o Papa Francisco recomenda, o clero tem de ir para as periferias. Como pastores, temos de estar onde está o rebanho e não na sacristia.»

(Ref: *Além-Mar perspectiva Missionária*, Nº686, Año LXII, Dezembro 2018, pp. 23 – 27)

